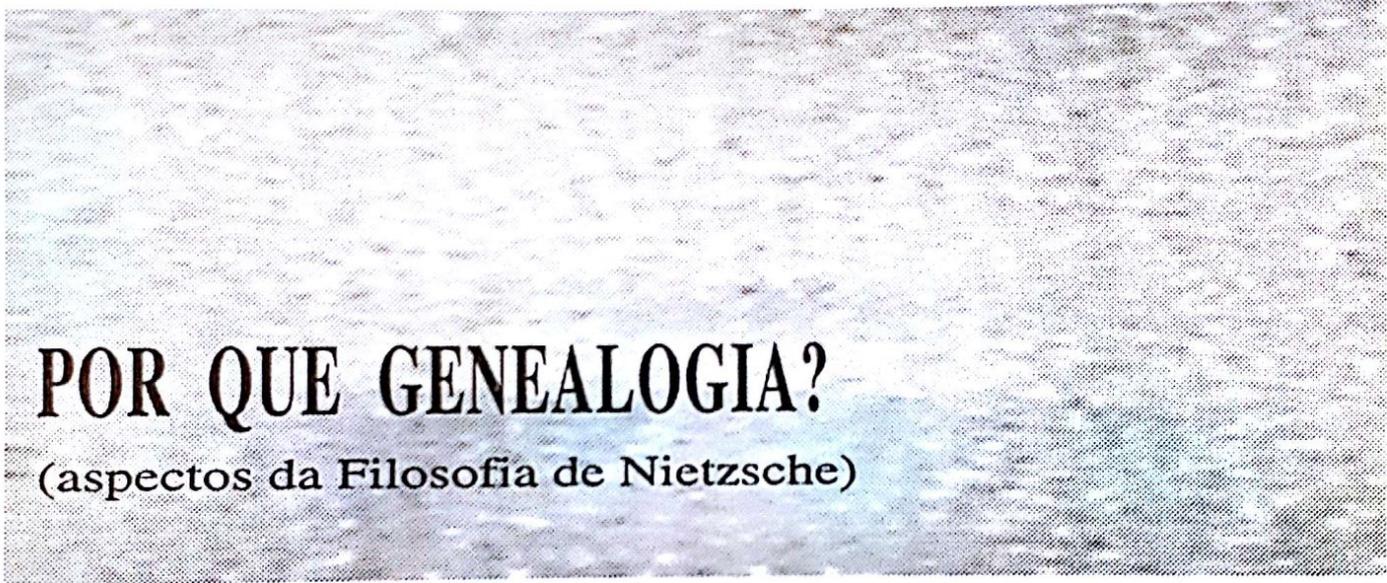


Donizete Soares *



POR QUE GENEALOGIA?

(aspectos da Filosofia de Nietzsche)

* Professor de História da Filosofia Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba (Fundação Dom Aguirre) e mestrando em Filosofia pela PUC - SP.

ABSTRACT

This text intends, from excerpts taken from Nietzsche's work, to point out elements which may contribute for the understanding and discussing of Genealogy, a critical way of approaching History.

Divided into three parts, this text deals, at first, with Genealogy as duty and deed imposed upon Free Spirits. There follows a discussion about some aspects of the Metaphysical Discourse, taken as a morale producer. At last, it is a presentation of Genealogy as a study which dismantles the Metaphysical Discourse.

RESUMO

Este texto pretende, a partir de passagens da obra de Nietzsche, destacar elementos que possam contribuir para a compreensão e discussão da Genealogia, um modo crítico de abordar a história.

Dividido em três momentos, o texto trata, em primeiro lugar, da Genealogia como tarefa e obra que se impõe aos Espíritos Livres. A seguir, a discussão de alguns aspectos do Discurso Metafísico enquanto produtor de uma moral. Enfim, a apresentação da Genealogia como um estudo que desconstrói o Discurso Metafísico.

Este texto pretende, a partir da leitura de algumas das obras do filósofo alemão FRIEDRICH NIETZSCHE, abordar questões relativas ao tema GENEALOGIA.

“POR QUE GENEALOGIA” é uma pergunta que aceita, pelo menos, duas respostas. Porque é condição para quem quer ‘praticar’ a Filosofia num grande final de espetáculo, posto que o objeto a ser trabalhado é o Discurso produzido por quem se imaginou ‘puro’ demais, muito ‘limpo’ – mesmo ‘morando em chiqueiros’... Muito ‘sérios’, tais textos não têm graça e nem ‘leveza’. Sua morfologia e sintaxe não incluem termos como criança e brincadeira. Rezar e dançar não são palavras que rimam nessa ‘pesada’ poesia moral...

Um grande projeto moral-filosófico – não seria isto a Genealogia nietzschiana ? Um momento ‘necessário’ no desenrolar cênico – não foi (e é) isto que provocou em nós, ‘europeus’, as marteladas do Filósofo ? Acho que sim – e é por aí que ‘caminha’ esta tentativa...

As referências às obras de Nietzsche citadas no decorrer do texto correspondem às seguintes abreviações :

- PABM - Para Além de Bem e Mal
- GM - Genealogia da Moral
- GC - Gaia Ciência
- HDH - Humano, Demasiado Humano

As outras citações são indicadas na bibliografia.

- | -

A Genealogia se constitui e se impõe como tarefa e obra aos Espíritos Livres, na medida em que eles conseguem ver a distância, estar Além do Bem e Mal, ser andarilhos...

“Nós, que somos de uma outra crença...” – é assim que Nietzsche inicia o § 203 de PARA ALÉM DE BEM E MAL. Sim, porque é preciso criar outras crenças que não aquelas fundadas nos ‘valores

eternos'. Não há outra escolha. O que se espera é que essa "nova espécie de filósofos e detentores do mando", uma vez que são capazes de transvalorar, "ensinem ao homem o futuro do homem como sua vontade", – o contrário, pois, da "degeneração geral do homem" e do seu "apequenamento como completo animal-de-rebanho". O ideário moderno (seu início bem marcado na figura de Sócrates) e a moral cristã ('platonismo para o povo') são como que a fonte de angústia para os de 'outra crença', pois eles conseguem *olhar* "como o homem ainda está inesgotado para as maiores possibilidades". É assim que para 'novos filósofos' a Genealogia se coloca como *tarefa*.¹

Em outra passagem – uma Nota no final da Dissertação I da Genealogia da Moral – Nietzsche apresenta uma questão a 'alguma Faculdade de Filosofia': "Que indicações fornece a ciência da linguagem, em especial a pesquisa etimológica, para a história da evolução dos conceitos morais?" Vale ressaltar que essa 'pesquisa' para filólogos, historiadores, fisiólogos, 'filósofos de ofício' é algo de somenos importância frente ao Filósofo: "*Todas as ciências devem doravante preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo, sendo esta tarefa assim compreendida: o filósofo deve resolver o problema do valor, deve determinar a hierarquia dos valores.*"²

Mais porém, que uma tarefa diante da qual alguém possa se sentir impelido, seja porque o seu *olhar* aguçado lhe permitiu vislumbrar outras possibilidades, seja porque "conhece um nojo a mais do que os outros",³ seja porque a recebeu de outrem como *condição*, caso se pretenda livre e legislador, trata-se, mesmo, de uma *obra*. Ao contrário das "hipóteses inglesas que se perdem no azul, pois é óbvio que uma outra cor deve ser mais importante para um genealogista da moral: o cinza, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido, numa palavra, a longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!"⁴

O que significa dizer que há, efetivamente, uma *única obra*. Nem por isso simples, modesta ou coisa que o valha, mas algo que implica a necessidade de ver a distância, situar-se 'para além de bem e mal', implodir o *dever* da prudência e, em seu lugar, instaurar o da desconfiança: "Perdoem-me o gracejo deste sombrio esgar e trejei-

¹ PABM, § 203.

² GM, I, nota p. 56.

³ PABM, § 203.

⁴ GM, Pról., § 7.

to, pois eu próprio há muito tempo aprendi a pensar de outro modo sobre enganar e ser enganado, a estimar de outro modo, e tenho pelo menos um par de cotoveladas prontas para o cego furor com que os filósofos se rebelam contra serem enganados”.⁵

E por quê? Simplesmente porque discutir o problema da moral - isto sim - equivale a qualquer coisa de simplório, modesto demais... Falta ousadia. Falta crítica... - “... sinto falta, aqui, até mesmo das tentações da curiosidade científica, da mal acostumada e inquisidora imaginação de psicólogos e historiadores, que facilmente antecipa um problema e o apanha em vôo, sem saber muito bem o que foi apanhado”.⁶ Nesse mesmo parágrafo, de modo contundente e brilhante, o problema da moral é interpretado e devidamente avaliado; isto é, o problema da moral, até então valorado como problema, a partir de agora, é apresentado como problema, na medida em que não se trata mais do problema da moral, mas a moral como problema.

Colocar a moral como problema implica tocar nas bases que constituem e sustentam os sistemas metafísicos. É o modo através do qual, ao que parece, é possível penetrar no cerne da questão que justifica a metafísica ou, mais ainda, a qualifica como tal. Se, por um lado, há uma crença no valor incondicional e exclusivo da verdade e uma vontade de verdade *a qualquer custo* e, por outro (o pensamento julgando a vida), o erro, engano, velamento etc... estamos, portanto, diante do “...resultado de uma escolha qualificatória e legitimadora de um dos possíveis condicionamentos da vida em geral. Trata-se, por outro lado, de uma desqualificação e ilegitimação de possíveis condicionamentos vitais que, do ponto de vista da *vida em geral*, são igualmente ‘legítimos, bons, úteis...’”.⁷

“Pré-ocupada” com a essência, já que, de princípio, se lhe conferiu um Valor-Verdade, a Metafísica, ao formular a questão “O que É?” acaba por trair-se a si mesma. Quer dizer: elaborar a pergunta ‘O que é o Belo’, o ‘Justo’, o ‘Bem’ etc., nada mais é do que perguntar “O que é para Mim?”, entendendo-se este *mim* como tudo o mais do que a pretensa idealidade do sujeito... Isto é: ‘O que é?’ o é ‘para mim’ e pode e há de ser diferentemente para outrem, a Essência, então, deve ser tomada como perspectiva e, portanto, passível de pluralidade. Pois não é que a Idéia de Verdade, o triunfo do ideal socrático ou a ‘cultura científica por excelência’, juntamente

⁵ PABM, § 34.

⁶ GC, § 345.

⁷ Revista Transformação, p. 99.

com seus atletas (atletas da razão ?!), profissionais ‘a qualquer custo’, ocupados com ‘fatos e leis científicas’, inimigos do erro, do engano e da ilusão – justamente eles e os pressupostos com os quais constroem seus edifícios não passam de um “pré-juízo”, uma *avaliação moral* ?!...

“Enunciemo-la, esta *nova exigência* : necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão*, e para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartuferia, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado” (...) “... desde que para mim se abriu essa perspectiva, tive razões para olhar em torno, em busca de camaradas doutos, ousados e trabalhadores (ainda hoje olho). O objetivo é percorrer a imensa, longínqua, recôndita região da moral – da moral que realmente houve, que realmente se viveu – com novas perguntas, com novos olhos : isto não significa praticamente *descobrir* essa região ?...⁸

Trata-se, portanto, de uma atividade a ser realizada de modo totalmente diverso daquele que até então se exercia. Nada a ver com os doutrinadores que pregam a ‘moral-de-rebanho’; nada que possa lembrar os “libres penseurs”, “liberi pensatori” – escravos - bravos divulgadores das “idéias modernas”... Aliás, tanto um quanto outro constituem uma obrigação aos ‘Espíritos Livres’ – “a *obrigação* de varrer para longe de nós um velho e estúpido preconceito e mal-entendido, que por demasiado tempo, como uma neblina, tornou opaco o conceito de ‘espírito livre’...”⁹

Basicamente, é um trabalho que se opõe à crença, à necessidade da crença, uma vez que pergunta pelo valor da crença – o valor do valor. É o caso da Vontade de Verdade ou a ‘cultura científica do Ocidente’, tão pretensamente distante dos “pré-conceitos”, tão religiosa e cristã, tão desejosa de Verdade e... tão ‘adoecida’... E não sem motivo, é claro, porque “a crença é sempre desejada com a máxima avidez, é mais urgentemente necessária onde falta vontade : pois é a vontade, como emoção do mando, o sinal distintivo de au-

⁸ GM, Pról., § 6 e 7.

⁹ PABM, § 44.

total domínio e força”; caso contrário, continua Nietzsche no mesmo § de A Gaia Ciência, “onde um homem chega à convicção fundamental de que é preciso que mandem nele, ele se torna ‘crente’ – inversamente, seria pensável um prazer e força de autodeterminação, uma *liberdade* da vontade, em que um espírito se despede de toda crença, de todo desejo de certeza, exercitado, como ele está, em poder manter-se sobre leves cordas e possibilidades, e mesmo diante dos abismos dançar ainda. Um tal espírito seria o *espírito livre* “par excellence”.¹⁰

Há que se tomar uma direção. Há que se ‘deixar a cidade se se quiser saber da altura de suas torres’. Há que se livrar de um ‘peso específico’, aquele que nos faz ‘tão europeus’! Há que se encontrar numa posição ‘fora da moral’, algum “além de bem e mal”. Há que ser ‘andarilho’...

É assim que tantos “Há que...” refletem um ‘bizarro, irracional’ imperativo moral: “tu tens de”. Mera idiossincrasia? Sim? Não - ao que parece - posto que é ‘por moralidade’ que se dá a ‘auto-supressão da Moral’. Pois se há um “porquê” há também um “em nós”... Também uma interpretação, uma força, um sentido sem dúvida decorrente de uma *outra* consciência (‘imoralista’, ‘sem-Deus’, ‘herdeiro e executor de sua mais íntima vontade’, ‘que se nega sem medo e com prazer’) muito diferente daquela que ainda não sabe “colocar lado a lado o seu *credo* e seu *absurdum*”.¹¹

Quem, senão o Espírito Livre, é capaz de tanto gozo, tanta desconfiança, tanto imoralismo? Então, não é Nele que a ciência tomou consciência de si? Que o *olhar* tornou-se perspectivo?

“Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de auto-supressão: assim quer a lei da vida, a lei da *necessária* ‘auto-superação’ que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim ouve o chamado: ‘patere legem, quam ipse tulisti’ (sofre a lei que tu mesmo propuseste)”.¹² Não é o Espírito Livre capaz do ‘incondicional, leal ateísmo’, o provocador da CATASTROFE, o ponto culminante e esclarecedor da ação que se desenvolveu no decorrer da tragédia, tal como se dava no clássico teatro grego? Assim como o Escorpião – a moral como problema, subordinada ao *olhar* que suspeita – que se mata, se suprime como o próprio ferrão ante a não-safda, não-escapatória, assim também, “em

¹⁰ GC, § 347.

¹¹ Aurora, Pref., § 4.

¹² GM, III, § 27.

nós se consuma, suposto que queiram uma fórmula : a auto-supressão da moral".¹³ Escorpião morto e 'moral ao fundo' – não são estes os pontos altos daquele 'grande espetáculo em cem atos' ?...

- II -

O Discurso Metafísico apresenta-se como Discurso do Absoluto, do Incondicionado. Tem como função manter incólume o privilégio do sujeito como idealidade e, daí, produzir uma moral que o satisfaça.

Entende-se por discurso um processo de afirmações e negações (conclusões, portanto) derivadas de premissas racionalmente estabelecidas como tais. O Discurso torna-se possível na medida em que é composto de *conceitos*, ou "todo processo que torna possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis", consoante o Dicionário Filosófico.¹

Parece não haver dúvida de que uma 'definição' somente se torna 'clara' se os conceitos forem imprescindíveis! Do contrário, jamais *viriam à tona*... Isto é : não caíram do 'céu' (!?), mas foram como que engravidados, gestados e gerados. Nasceram (e nascem) de um parto um tanto quanto estranho. Diz Nietzsche : "Todo conceito nasce por igualação do não-igual. (...) A desconsideração do individual e efetivo nos dá o conceito, assim como nos dá também a forma, enquanto que a natureza não conhece formas nem conceitos; portanto também não conhece espécies, mas somente um X, para nós inacessível e indefinível".² Arbitariamente abandonadas, as diferenças, frutos das ações individualizadas, uma vez abolidas, possibilitam a inauguração e o domínio da Representação : há uma "*qualitas occulta*" que tem o *nome de*, da qual todo o resto não passa de cópia...

Dada a partida, a decolagem é 'tranqüila'. 'É lógico', 'Tu devês', 'Vontade Livre' – pretensos sobreviventes, supostos rebentos de uma relação *afeminada!*... Tanta vontade-de-verdade no que é que deu ? – *na crença*, já que sua 'essência' consiste no juízo : "na base de toda crença está a sensação do agradável ou doloroso em referência ao sujeito da sensação..." – mais ainda : "... a nós, seres orgâni-

¹³ Aurora, Pref., § 3 e 4.

¹ Dicionário de filosofia, verbete : conceito.

² Sobre verdade e mentira, § 1.

cos, nada interessa originariamente em cada coisa a não ser sua *relação conosco* em referência a prazer e dor”.³ Um vôo assim tão raso sequer permite o olhar de toupeira, posto que o embota. É com esses olhos – do animal que vive sob a terra, minando-a – que se fizeram ciência a Metafísica e seu Discurso: “trata dos erros fundamentais do homem – mas, no entanto, como se fossem verdades fundamentais”.⁴

Conceitos são convicções. Convicções são crenças. E quem são os sujeitos não seriam objetos?!... – das crenças? o seu alvo? É possível não nos lembrarmos, neste momento, daqueles ‘homens que vivem numa espécie de morada subterrânea’, segundo a farta imaginação de Platão e sua vontade legisladora, para quem a ‘ascensão para o alto (a luz do fogo que ilumina o interior da prisão) e a contemplação do que lá existe representam o caminho da alma em sua ascensão ao inteligível... em definitivo, a causa universal de toda a retidão e de toda a beleza’?⁵ Ora, do que é que estamos falando senão das Verdades Incondicionais?... da Idéia do Bem – ‘a que se vê por último e a muito custo’? Afinal, é ‘necessário vê-la se se quer agir com sabedoria tanto na vida privada quanto na pública’, acrescenta o filósofo da crença.

A mesa está posta – pois que se sentem, de um lado, os crentes e, de outro, os Ideais! É o início do jogo (de conquista?) onde só se ganha se se cumprirem rigorosamente as regras pressupostas. Da relação crença X verdade incondicionada emergem (ou fundamentam?) três postulados que demonstram o quanto ‘este’ homem não pensa cientificamente. São eles: há verdades incondicionadas; há métodos perfeitos através dos quais é possível chegar a elas; tais métodos são eficazes se e somente se os que deles fizerem uso forem homens de convicção. Esta parece ser (seria sem dúvida?...) a expressão máxima do dogmatismo: querer ter razão porque pensa que *tem de ter razão*. ‘Inocência teórica’ e ‘combate de convicções’ – serão estes os motivos de tanta violência na história e tão pouco conhecimento? A Nietzsche parece que sim...

“Há ainda inofensivos observadores de si, que acreditam que há ‘certezas imediatas’, por exemplo, ‘eu penso’, ou, como era a superstição de Shopenhauer, ‘eu quero’: como se aqui o conhecer recebesse seu objeto puro e nu para captar, como ‘coisa em si’, e nem do lado do sujeito nem do lado do objeto tivesse lugar uma falsifica-

³ HDH, vol. I, § 18.

⁴ Id., Ibid.

⁵ A REPÚBLICA, L. VII.

ção. Que, porém, ‘certeza imediata’, assim como ‘conhecimento absoluto’ e ‘coisa em si’, encerram uma *contradictio in adjecto*, eu repetirei uma centena de vezes : deveríamos, afinal, desvencilhar-nos da sedução das palavras!”⁶ São cada vez mais óbvias (e mesmo necessárias) as igualações do não-igual. As diferenças – o quê ? diferenças ? – apagam-se ante a representação, já que ela permite (ou pressupõe) a *comparação* : há um ‘eu’ que pensa; que pensa que há (tem de) um algo (essência, causa) que pensa que há um ‘eu’; há um ‘eu’ que sei o que é pensar. Quanta imaginação!... Talvez, aí, se possa decifrar a função do Discurso Metafísico : manter incólume o privilégio do sujeito como Idealidade. Talvez, então, pudéssemos dizer que se trata do logro do ‘eu’; ou não seria mais propriamente o gozo do ‘eu’ ?...

E depois do ‘ato solitário’ vem a culpa... Ou seja : a má consciência que emerge da interiorização da dor decorrente do ‘tu tens de’; um sentido novo para a dor : conseqüência da culpa; a dor enquanto o meio de salvação, devido ao pecado; não são estes alguns dos sentimentos que reduziram a ‘consciência’ (esse “delegado de comitê”) a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos ? “Creio que jamais houve na terra um tal sentimento de desgraça, um mal-estar tão plúmbeo (...) Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que chamo de *interiorização do homem* : é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’...”⁷ É assim que o Sujeito, ‘este ser carente’, ao inventar a ‘má-consciência’ (‘a maior e mais sinistra doença’) deixa de fazer de si mesmo uma aventura : declarou “guerra aos velhos instintos nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que inspirava”⁸ e despediu-se da ‘grande criança’ de Heráclito...

O que resta, então, a este homem que se ‘fere na própria jaula’ ? ‘obedecer incondicionalmente’... Diante do ‘Verdadeiro’, do ‘Bem’,

⁶ PABM, § 16.

⁷ GM, II, § 16.

⁸ Id., Ibid.

do 'Divino' o que se há de querer ? Uma moral, uma moral que o satisfaça plenamente.

Bem por isso o dogmatismo não discute a moral, posto que se sustentam... Bem por isso é uma autoridade que não deve ser pensada nem falada; portanto, sabe como intimidar, incluindo entre seus instrumentos a dor, o pecado, o inferno, o erro, enfim, uma 'câmara de torturas'. Mas não só. "... sua segurança está ainda mais em uma certa arte de enfeitiçamento, de que ela entende – ela sabe 'entusiasmar' (...) A moral, justamente, desde que sobre a terra se fala e se persuade, se demonstrou como a mestra máxima da sedução – e, quanto a nós, filósofos, propriamente como *Circe* dos filósofos".⁹ (Pois não é que os porcos, mamíferos não ruminantes, ficam furiosos se perturbados quando fustam a terra à procura de alimentos ?!...).

Atraídos, encantados mesmo, fascinados, os 'filósofos, conquanto dogmáticos', erguem seus edifícios sublimes e absolutos fundamentados numa superstição qualquer (Alma, Sujeito, Eu), um 'trocadilho', um 'equivoco gramatical', 'qualquer generalização de fatos muito humanos, demasiado humanos'. Mais que um jogo entre quem seduz e quem é seduzido e admitindo que a Verdade, como 'coração de uma mulher que não se deixou conquistar', dada a 'oportuna falta de tato' e de 'meios desastrados e inconvenientes', trata-se, agora, de perguntar pelo *valor* da verdade. Ou ainda, "trata-se, ao que parece, de um autêntico encontro de perguntas e pontos de interrogação – Quem de nós é aqui Édipo ? Quem a Esfinge ?"¹⁰ Aliás, conquistar, aqui, parece mesmo que tem a ver com submeter, vencer, subjugar...

Os últimos parágrafos do Prefácio da Genealogia da Moral indicam outros meios mais ousados, 'práticas mais artísticas', "coisas que mais *compensem* serem levadas a sério" e, portanto, "algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido... para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um 'homem moderno': o *ruminar*..."¹¹ – (Pois, então, que se danem os porcos de Circe!)

⁹ Aurora, Pref., § 3.

¹⁰ PABM, § 1.

¹¹ GM, Prol., § 8.

- III -

Se a Genealogia é uma tarefa e obra dos Espíritos Livres; se o Discurso Metafísico, enquanto 'texto' (ou 'tirania'), privilegia o Sujeito ao mesmo tempo em que (e por isso mesmo) cria uma moral satisfatória, isto é, no proscênio alguém já avisou que é chegada a hora de as cortinas serem abertas, afinal as máscaras existem para serem trocadas! Não é este justamente o momento de um novo ato, nova cena, novo canto, novo choro ?... Não é este o início do fim, a reviravolta ? Não é esta a hora de tomar nas mãos os materiais de cinza cor, desconstruir edifícios, decifrar signos, usar o bisturi e o estilete, destruir modelos, enfim, "des-cobrir" sintomas como um médico-artista, aquele do tipo que interpreta e avalia ?

“Perdoem este velho filósofo, que não pode resistir à maldade de pôr o dedo sobre artes-de-interpretações ruins : mas aquela ‘legalidade da natureza’, de que vós físicos falais com tanto orgulho, como se... – só subsiste graças a vossa interpretação e ‘filologia’ ruim – não é nenhum estado de coisas, nenhum ‘texto’, mas somente um arranjo igenuamente humanitário e uma distorção de sentido, com que dais plena satisfação aos instintos democráticos da alma moderna”.¹

Ora, não vem ao caso discutir a intensidade do vermelho, amarelo ou o azul; não se trata, também, de imputar valores diante de uma ‘confusão’ – coisa decorrente da visão de ‘tartufa’; não, nada disso faz parte do “nosso problema”... Que surjam, a partir daí, afirmações, negações, portanto conclusões, ‘diferentes’, mais ousadas e menos ‘humanas’, isto só faz o nosso cinza ficar ainda mais cinza... Ou seja, na medida em que o conjunto de signos impressos no Discurso Metafísico constitui o espaço no qual se desenvolvem os sistemas de crenças e dado que um sistema lógico-gramatical se submeteu ao imperativo de ‘verdade’ e necessariamente supôs sujeito e enunciados, direcionando assim à degeneração, tantas vezes repetida por Nietzsche, isto sim tornou-se o “nosso problema”, já que é um sintoma a ser decifrado : é um olhar a língua enquanto topos, lugar ou local onde, de modo condensado, se reconhece a instância moral ali embutida.

Mais precisamente, “trata-se de produzir uma leitura sintomal e genealógica que relance, de maneira estratégica e momentânea, os diferentes recursos da metáfora (notadamente a mais determinante, a

¹ PABM, § 22.

metáfora do ser) em vista de decifrar as instâncias que, silenciosamente, trabalham o texto metaffsico; como se esse texto não fosse senão o efeito ulterior, superdeterminado, de um recalque global cuja lógica a genealogia permite retrair... (...) Uma tal leitura implica que todo significado só pode ser decifrado *na posição de significante*; da mesma forma, aliás, como tudo que se deu como 'valor'...'”²

É a linguagem pretendida como ciência o meio através do qual o animal tipo homem se 'elevou', adquiriu 'aquele orgulho'. Na medida em que o homem teórico, ao se colocar frente aos conceitos que ele próprio criou, aos nomes que deu às coisas e, diante deles, assumiu uma atitude de crença ('aeternae veritates') e, mais ainda, pres-supôs que tais nomes traduziam a 'verdade' da coisa (a 'verdade encontrada'), "... o homem colocou um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou bastante firme para, apoiado nele, deslocar o restante do mundo de seus gonzos e tornar-se senhor dele".³ De outro modo : é na linguagem que se dá o retorno contínuo aos alicerces de uma gramática que se requer posição incondicionada de um sentido e uma série de enunciados auto-suficientes. Ou ainda : na medida mesma em que se crê na verdade dos conceitos, conquanto re-veladores ou des-critivos do Incondicional, dá-se o reconhecimento, por parte daquele que crê, nos valores morais eternos. Ou mais : "A 'razão' na linguagem : oh, que velha, enganadora personagem feminina! Temo que não nos desvencilharemos de Deus, porque ainda acreditamos na gramática..."⁴

Assim é que o Discurso, uma vez construído de forma Metaffsica, por 'absoluto' desconhecimento da necessidade de explicar-se a si mesmo, posto que se apresenta como Absoluto, Incondicional, presença sem temporalidade, mostra-se opaco e lacunar.

Exemplo típico da opacidade do Discurso Metaffsico encontra-se no § 13 da II Dissertação de a Genealogia da Moral, quando Nietzsche voltando ao tema *Castigo*, procede a uma distinção que envolve dois aspectos : "... o que nele é relativamente *duradouro*, o costume, o ato, o 'drama', uma seqüência rigorosa de procedimentos e o que é *flutdo*, o sentido, o fim, a expectativa ligada à realização desses procedimentos".⁵ A seguir, enumera onze 'sentidos' do con-

² A genealogia nietzscheana, p. 143.

³ HDH, cap. I, § 11.

⁴ Crepúsculo dos Ídolos, § 5.

⁵ GM, II, § 13.

ceito – não sem antes, entre-parênteses, observar a impossibilidade de se definir (‘*porque se castiga*’), posto que somente o que não tem história é passível de definição – a fim de destacar o fluído, ou “de como um mesmo procedimento pode ser utilizado, interpretado, ajustado para propósitos radicalmente diversos...”⁶

Ou seja, é justamente aí, quando se vê confrontada com o texto opaco e sobrecarregado que a Genealogia, enquanto leitura, decifra, desmonta, desvenda as tais interpretações. É justamente aí que ela encontra as coincidências, inter-relações, inter-penetrações, entrelaçamentos. Mais ainda : é no movimento dos signos que compõem a economia do Discurso Filosófico que são localizados os *sentidos* e o *valor*... “Para Nietzsche, a genealogia da moral é, ao mesmo tempo, a genealogia da própria *ratio* e da espiritualidade em geral, cuja especificidade consiste precisamente em não tomar seus objetos de investigação como dados ou faculdades naturais (*Gegebenes*) e, sim, como resultados (*Gewordenes*) de um laborioso processo formativo (*Bildung*), presumivelmente ocorrido na pré-história da espécie e recuperado hipoteticamente pela reflexão filosófica”.⁷ É assim que o texto metafísico, na medida em que se apresenta superdeterminado, sistêmico, condensado, guardador e doador de ‘sentido’, não faz senão ocultar uma relação de forças.

Bem por isso, tal discurso é lacunar. É o resultado de uma produção que se pretendeu pautada em categorias originárias de metáforas. Quanto ao termo Verdade, por exemplo, Nietzsche é enfático ao defender a tese dessa conversão de metáforas em categorias : “O que é a Verdade, portanto ? Um batalhão móvel de metáforas metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias : as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas”.⁸ O Discurso Metafísico, porque necessariamente constituído do aspecto lacunar, oferece-se como caminho através do qual se efetiva a empreitada genealógica.

Tais discursos, produzidos segundo o ‘nobre modelo de Kant e Hegel’, acondicionados a fórmulas que são antes *posições* de valor denominadas “Verdades”, justamente por isso são passíveis de ‘al-

⁶ Id., Ibid.

⁷ Revista Transformação, p. 106.

⁸ Sobre verdade e mentira, § 1.

guma *suspeita*' e podem ser submetidos a 'perigosos talvez'... São produtos, 'rebentos', daqueles 'trabalhadores filosóficos' que não são nem 'comandantes' nem 'legisladores' – e, portanto, que se dê 'a cada um o que é seu'... – na medida em que suas genealogias argumentam, a partir de um *ponto inicial*, fazendo com que, ao mesmo tempo, se desconsideremos valores de origem, dado que se supõe uma causa e a origem dos valores, posto que estes são decorrências, derivações daquela.

Outra é a forma pela qual opera a Genealogia Nietzscheana. Nada a ver com o 'caráter tosco' de genealogias que investigam de "maneira *essencialmente* a-histórica", por exemplo, a origem do conceito e do juízo "bom" – não é disso que trata Nietzsche na Primeira Dissertação de a Genealogia da Moral, e mais especificamente no § 2 ? Introduzir a perspectiva histórica – o oposto, portanto, daquele 'velho costume entre filósofos' – significa descolorir o *azul*, sobretudo perceber os 'traços típicos da idiosincrasia' contida na "longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano", consoante o § 7 do Prólogo de a Genealogia da Moral.

Relacionar as figuras tipológicas do padre, do cientista, do filósofo com os seus procedimentos essenciais; decifrar, a partir do que recalcam e excluem, a sua pretensão à intemporalidade; pôr em questão o privilégio da presença eterna e contínua do código (tradição, lei, autoridade) – não são estes alguns dos elementos constitutivos do projeto genealógico de Nietzsche ? e justamente a tarefa e obra dos Espíritos Livres ?... Porque não se trata de "origem" (marco inicial), mas de "gênese" (foco de desenvolvimento), o genealogista, tal como o médico, decifra e interpreta o sintoma. Mas também avalia. Nas palavras de Deleuze, "Genealogia quer dizer simultaneamente valor de origem e origem dos valores. Genealogia opõe-se ao caráter absoluto assim como ao seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores donde emana o seu próprio valor. Genealogia quer, portanto, dizer origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vileza, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o elevado e o baixo, tal é o elemento propriamente genealógico ou crítico. Mas assim compreendida a crítica é ao mesmo tempo o mais positivo".⁹

⁹ Nietzsche e a filosofia, p. 7.

- IV -

- "... *Nosso tesouro está onde estão as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito - levar algo 'para casa' ...*" § 1 do Prólogo de a Genealogia da Moral, 1887.
- "... *aquilo que agora denominamos mundo é o resultado de uma multidão de erros e fantasias, que surgiram pouco a pouco no desenvolvimento total do ser orgânico, cresceram entrelaçados e agora nos são legados como tesouro acumulado do passado inteiro - como tesouro : pois o valor de nossa humanidade repousa nele...*" § 16, cap. 1, vol. 1 de Humano, Demasiado Humano, 1878.
- *'caverna', 'labirinto', 'jazida de ouro', de um lado; 'urso de cavernas', 'cavador de tesouro', 'vigia de tesouro', 'dragão', de outro, são caracterizações do termo tesouro encontradas no § 289 de Para Além de Bem e Mal, 1885-86.*

Conhecimento enquanto 'colméia' e valor enquanto 'resultado', eis como se fez *tesouro* a nossa cultura : ursos, cavadores, vigias e dragões à cata de 'algo' talvez escondido em caverna ou perdido em labirinto ou em um 'aqui jaz' de um 'cemitério' qualquer... Parece claro que cabe à Genealogia ou ao genealogista do tipo 'Espírito Livre' decifrar o parentesco dos filósofos ao investigar os materiais da filosofia. Talvez a suposição de que o filósofo, para sê-lo, deva ter sido antes um ermitão, conforme o mesmo § 289 de PABM, acima citado, queira explicar, de modo aparentemente paradoxal, que o ermitão-filósofo não mais por desconhecimento, mas, ao contrário, por re-conhecimento, sabe da máscara que *esconde* cada palavra / esconderijo, cada opinião / filosofia...

O 'coletar o mel do espírito' nas 'colméias do nosso conhecimento' ou guardar as jazidas nas quais 'repousam o valor de nossa humanidade' não constituem propriamente, nem efetivamente, problema algum, ao contrário, são o "nosso problema", o objeto de nossa investigação; menos ainda o 'levar algo para casa' que pudesse ser fruto do 'passado inteiro', de opiniões últimas e próprias do homem de conhecimento, carregado de 'fundamento', do filósofo que não travou um 'confidencial duelo e diálogo' com sua alma... - afinal, não são estas as características que identificam o Discurso Filosófico (metafísico) e seus produtores ? Constituem, segundo Nietzsche, o 'defeito hereditário dos filósofos' que perderam *tudo o que é essencial* no desenvolvimento humano', posto que erigiram seus edifícios sobre a crença de que *'há fatos eternos'*...

Enfim, a Genealogia, enquanto leitura do código lingüístico, moral e religioso dos sintomas mais importantes; enquanto se abre como e para a perspectiva histórica, frustrando o privilégio do Eu e do enunciado; enquanto possibilita o re-conhecimento do discurso filosófico, na medida em que ele, submetido a um novo 'olhar', se explica, posto que revela relações de parentesco quanto a sua produção; enquanto trabalho sobre os materiais da Filosofia nos seus processos de apagamento, deformação etc... – a Genealogia acaba por des-construir, através do opaco e lacunar apresentado no Discurso Metafísico, os modelos Racionalista, Transcendental e Historicista. Nada mais nada menos que um adeus aos porcos, pois imprescindíveis mesmo são as vacas!...

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo : Mestre Jou, 1982.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Antonio M. Magalhães. Porto, Portugal : Rés Ed., s.d.

_____. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa, Portugal : Ed. 70, 1965.

GIACÓIA, O. O grande experimento : sobre a oposição entre eticidade (*Sittlichkeit*) e a autonomia em Nietzsche. *Trans/ formação* : Revista de Filosofia. Marília, SP, v.12, p.97-132, 1989.

NIETZSCHE, F. *Obra incompleta*. Tradução de Rubens R. Torres Filho. São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo : Brasiliense, 1988.

REY, Jean-Michel. A genealogia Nietzscheana. *História da Filosofia*, Idéias, Doutrinas, sob a direção de François Châtelet. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 1974. vol VI, p.138-172.

VERGEZ, A., HUISMAN, D. Platão. *História da Filosofia* ilustrada pelos textos. São Paulo. Livraria Freitas Bastos, 1976.